UFPR
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor
Carlos Augusto Moreira Júnior

Vice-Reitora
Márcia Helena Mendonça

Diretor da Editora UFPR
Serlei Maria Fischer Ranzi

Conselho Editorial
Alexander Welker Biondo
Carlos Alberto Ubirajara Gontarski
Ida Chapaval Pimentel
Jose Borges Neto
Luiz Edson Fachin
Maria de Fatima Mantovani
Maria Rita de Assis Cesar
Mario Antonio Navarro da Silva
Quintino Dalmolin
Sergio Luiz Meister Berleze
Sylvio Fausto Gil Filho
Ulf Gregor Baranow

O aventuroso Simplicissimus

Isto é:

A descrição da vida de um singular vagante
chamado Melchior Sternfels von Fuchshaim,
onde e com que aspecto ele veio a este mundo,
o que nele viu, aprendeu, experimentou e sofreu,
e também por que voluntariamente o abandonou.
De leitura sumamente divertida e a todos proveitosa.
Dado a lume
Por German Schleifheim
von Sulsfort.

Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen

Tradução de
Mario Luiz Frungillo

Posfácio de
Mauricio Mendonça Cardozo

Editora UFPR

O AVENTUROSO SIMPLICISSIMUS

COORDENAÇÃO EDITORIAL
DANIELE SOARES CARNEIRO

PROJETO GRÁFICO, CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
RACHEL CRISTINA PAVIM

REVISÃO
LUÍS BUENO

TRADUÇÃO
MARIO LUIZ FRUNGILLO

REVISÃO FINAL
DO TRADUTOR

ILUSTRAÇÃO DA CAPA
Detalhe de *O destruidor de ninhos* (1569),
de Pieter Brueghel, o Velho (c. 1530-1569)

SÉRIE OUTRAS LETRAS, N. 7

A logomarca da série Outras Letras é um desenho de Patrícia Cardoso
a partir de um detalhe do painel de Poty para a fachada do Teatro Guaíra

COORDENAÇÃO DE PROCESSOS TÉCNICOS. SISTEMA DE BIBLIOTECA. UFPR.

Grimmelshausen, Hans Jakob Christoph von, 1625-1676.
O aventuroso Simplicissimus: isto é: a descrição da vida de um singular vagante chamado Melchior Sternfels von Fuchsaim, onde e com que aspecto ele veio a este mundo, o que nele viu, aprendeu, experimentou, sofreu, e também por que voluntariamente o abandonou. De leitura sumamente divertida e a todos proveitosa. Dado a lume por German Schleifheim von Sulsfort / Hans Jacob Christoffel von Grimmelshausen, tradução de Mario Luiz Frungillo; posfácio de Mauricio Mendonça Cardozo. – Curitiba : Ed. UFPR, 2008. – 664p. – (Outras letras; n.7)

1. Literatura alemã. I. Título. Série. CDD833

Andrea Carolina Grohs CRB 9/1.384

ISBN 978-85-7335-227-6
REF. 516

DIREITOS DESTA EDIÇÃO RESERVADOS À

EDITORA UFPR
RUA JOÃO NEGRÃO, 280 - 2.º ANDAR - CENTRO
TEL.: (41) 3360-7489 - FAX: (41) 3360-7486
80010-200 - CURITIBA - PARANÁ - BRASIL
CAIXA POSTAL: 17.309
editora@ufpr.br
www.editora.ufpr.br
2008

Como a Fênix lendária, do fogo eu nasci,
Eu viajei pelo ar, e jamais me perdi,
Caminhei sobre a terra, atravessei o mar,
E esta errância só fez meu nome se espalhar.
O que mais me deu dor do que meu deu prazer,
O que foi? Neste livro o dou a conhecer
Para que o seu leitor faça como eu agora:
Se afaste da loucura e viva onde a paz mora.

aterrorizar. Mas ao ouvir a voz dizer que aquele que as pronunciava ia saciar sua fome e sua sede, minha fome insuportável me levou a fazer-me de convidado; assim eu encontrei coragem para sair da minha árvore oca e me aproximar da voz que ouvira. Ao fazê-lo, avistei um homem alto, com longos cabelos grisalhos que lhe caíam em desordem pelos ombros. Ele tinha uma barba desgrenhada semelhante a um queijo suíço, seu rosto era amarelo-pálido e magro, mas bastante agradável, e seu longo hábito era feito de mais de mil peças dos mais variados tecidos, costuradas umas nas outras; em volta do pescoço e do corpo, trazia uma pesada corrente de ferro, como São Guilherme, e aos meus olhos ele pareceu tão horrível e assustador que eu comecei a tremer feito um cão molhado. Meu medo se tornou ainda maior quando vi que ele apertava ao peito um crucifixo de uns seis pés de comprimento e, como não o conhecia, eu pensei que não podia ser senão o lobo do qual meu *knan* pouco tempo antes me falara. Cheio de pavor, tomei da minha gaita-de-foles, o único tesouro que ainda pudera salvar dos cavaleiros. Soprei-a, comecei a tocar e me fiz ouvir com toda força, a fim de espantar aquele horrível lobo. Não foi pequeno o susto do eremita ao ouvir repentinamente aquela música incomum num lugar tão ermo; ele sem dúvida me tomou por algum fantasma diabólico que viera atormentá-lo e destruir sua devoção, como acontecera ao grande Antônio. Assim, porém, que se recobrou, ele escarneceu de mim, chamando-me tentador do oco da árvore, pois eu novamente me refugiara ali; sim, ele se sentiu mesmo encorajado a ponto de investir contra mim e insultar-me como ao Inimigo do gênero humano.

– Ah! – ele disse – és mesmo um tipo capaz de atormentar os santos sem a permissão de Deus etc.

Mais que isso eu não pude ouvir, pois a proximidade dele me infundia um terror e um pavor tais que meus sentidos me abandonaram e eu caí desmaiado.

Capítulo VII

Simplicius é acolhido com amizade num pobre albergue

De que forma ele me ajudou a recobrar a consciência eu não sei, só me recordo de que o velho apoiara minha cabeça no seu colo e me abrira o casaco. Ao acordar, vendo o eremita tão próximo, eu me pus a gritar pavorosamente, como se ele quisesse arrancar-me o coração do peito. Ele, porém, me disse:

– Cala-te, meu filho, eu não te farei mal algum, fica tranqüilo etc.

Mas quanto mais ele me consolava e acariciava, mais eu gritava:

– Oh! Vais me devorar, me devorar! És o lobo e vais me devorar!

– Não, meu filho, não! – ele disse. Fica tranqüilo, eu não vou te devorar.

Esta discussão durou muito tempo, até que eu me deixei persuadir a acompanhá-lo até a sua cabana. Nela, a pobreza era a governanta, a fome o cozinheiro e a carência o despenseiro; nela meu estômago foi reanimado com um legume e um pouco de água e minha mente desnorteada foi confortada e restaurada pela consoladora cordialidade do velho. Então eu me deixei seduzir pelo doce sono sem oferecer resistência e paguei meu débito com a natureza. O eremita, reconhecendo minha miséria, deixou-me sozinho na cabana, onde não cabia mais que uma pessoa deitada. Por volta da meia-noite eu acordei e o ouvi cantar a seguinte canção, que mais tarde eu também aprendi:

Vem, rouxinol, consolo e encanto
Da noite, vem, ergue teu canto
Que alegra a todo ser;

Vem, vem e louva o Criador,
Que às outras aves o torpor
Já fez emudecer.
Eleva na treva
Teu cantar, e que ao soar
Ele louve
A Deus que no céu te ouve.

O sol já não nos ilumina
E a escuridão já nos domina,
Mas podemos cantar
Os dons de Deus e seu poder;
Nenhuma força vem tolher
Nossa voz de o louvar.
Eleva na treva
Teu cantar, e que ao soar
Ele louve
A Deus que no céu te ouve.

A voz de Eco na floresta
Quer ter sua parte em nossa festa
E responde a tua voz;
Afasta de nós o cansaço
A que cedemos sempre o passo
E expulsa o sono atroz.
Eleva na treva
Teu cantar, e que ao soar
Ele louve
A Deus que no céu te ouve.

No firmamento os astros voam,
Luzes que um coro mudo entoam,
E a Deus rendem louvor;
Mesmo a coruja, ave sem canto,
Dá a seu grito um tom mais santo

E celebra o Criador.
Eleva na treva
Teu cantar, e que ao soar
Ele louve
A Deus que no céu te ouve.

Vem, vem, meu doce passarinho,
Abandonemos nosso ninho;
Sem preguiça velemos
E, enquanto a aurora não se apresta
A reanimar esta floresta,
A Deus glorifiquemos.
Eleva na treva
Teu cantar, e que ao soar
Ele louve
A Deus que no céu te ouve.

Durante o seu canto, pareceu-me que o rouxinol, a coruja e Eco de fato lhe faziam coro e, se já tivesse ouvido antes o cântico da estrela da manhã e pudesse tocar sua melodia na gaita-de-foles, eu teria imediatamente saído da cabana e colocado também minhas cartas no jogo, tão doce me soava aquela harmonia. Mas eu adormeci mais uma vez e só acordei quando já ia alto o dia e o eremita, pondo-se diante de mim, disse:

– Levanta-te, menino, eu vou te dar de comer e depois te mostrarei o caminho através da floresta para que possas retornar à tua gente e chegues ainda antes da noite à próxima aldeia.

Eu perguntei a ele o que era aquilo, gente e aldeia. Ele disse:

– Pois nunca estiveste numa aldeia, nem sabes o que são gente e homens?

– Não – respondi – nunca estive em outro lugar a não ser aqui. Mas dize-me, o que são gente, homens e aldeia?

– Por Deus – disse o eremita – és tolo ou astuto?

– Nem o tolo nem o astuto – respondi –, sou o menino de minha *meüder* e de meu *knan*.

O eremita se espantou, suspirou, persignou-se e disse:

– Bem, meu filho querido, por amor a Deus, eu devo instruir-te melhor.

Seguiram-se então nossas perguntas e respostas, como vêm narradas no próximo capítulo.

Capítulo VIII

Como Simplicius revela sua excelência por meio de uma elevada conversação

Eremita

Como te chamas?

Simplicius

Eu me chamo menino.

Eremita

Eu posso ver que não és uma menina, mas como teu pai e tua mãe te chamavam?

Simplicius

Eu nunca tive pai nem mãe.

Eremita

Então, quem te deu tua camisa?

Simplicius

Ora, minha *meüder*.

Eremita

E como tua *meüder* te chamava?

Simplicius

Ela me chamava de menino, e também de patife, bobo ignorante e peste.

Eremita

E quem era o marido de tua mãe?

Simplicius

Ninguém.

Eremita

E com quem tua *meüder* dormia à noite?

Simplicius

Com meu *knan*.

Eremita

E como teu *knan* te chamava?

Simplicius

Ele também me chamava de menino.

Eremita

Como se chama teu *knan*?

Simplicius

Ele se chama *knan*.

Eremita

Mas como tua *meüder* o chamava?

Simplicius

Knan, e também mestre.

Eremita

E ela nunca o chamava de outra maneira?

Simplicius

Sim, chamava.

Eremita

E como?

SIMPLICIUS

Malcriado, velhaco, porcalhão, e outras coisas mais, quando se zangava.

EREMITA

És um pobre ignorante que não sabe nem o nome de teus pais nem o teu próprio.

SIMPLICIUS

Ora, tu também não sabes!

EREMITA

Sabes rezar?

SIMPLICIUS

Não, nossa Ana e minha *meüder* é que faziam as camas[9].

EREMITA

Não é isso o que eu perguntei. Sabes dizer o Pai-nosso?

SIMPLICIUS

Sei, sim.

EREMITA

Então dize-o.

SIMPLICIUS

Nosso querido pai, que és o céu, o nome seja santificado, o reino venha, tua vontade seja o céu e a terra, dá-nos ofensas, assim como nós demos a quem nos tem ofendido, não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do reino, o poder e a glória para sempre, amém.

EREMITA

Nunca foste à igreja?

[9] Simplicius pensa que o verbo *beten* (rezar) se refere a *Bett* (cama).

SIMPLICIUS

Sim, eu sei trepar nas árvores muito bem e uma vez enchi a camisa de cerejas.

EREMITA

Eu não disse cereja, e sim igreja.

SIMPLICIUS

Ah! Aquelas ameixas pequenininhas[10]?

EREMITA

Ai, que Deus nos acuda! Não sabes nada do Senhor Nosso Deus?

SIMPLICIUS

Sei sim, ele ficava no altarzinho em cima da porta da sala. Minha *meüder* o trouxe da quermesse e o colou ali.

EREMITA

Ai, Deus de misericórdia, só agora eu vejo como é grande a graça e o benefício que nos concedes ao dar-nos o conhecimento de ti, e como um homem a quem não o destes nada é. Ah! Senhor, permite-me honrar teu santo nome, e que eu seja digno de agradecer-te tão fervorosamente por esta graça quanto tu foste generoso em concedê-la! Ouve, Simplicius (pois não te posso chamar de outra maneira), quando rezares o Pai-nosso, deves- dizê-lo assim: Pai nosso, que estás no céu, santificado seja o teu nome, venha a nós o teu reino, seja feita a tua vontade, assim na terra como no céu. O pão nosso de cada dia nos dá hoje...

SIMPLICIUS

E o queijo também?

EREMITA

Ah! Filho querido, cala-te e aprende. Isto te é mais necessário que o queijo. Pareces ser mesmo ignorante,

[10] Confusão entre *Kirche* (igreja), *Kirsche* (cereja) e *Krieche* (espécie de ameixa).

como disse tua *meüder*. Um menino como tu não deve interromper um velho que está falando, e sim calar-se, ouvir e aprender. Se soubesse onde moram teus pais, eu teria muito prazer em levar-te até eles e em ensinar-lhes como se deve educar um filho.

SIMPLICIUS

Eu não sei para onde ir. Nossa casa foi incendiada, minha *meüder* fugiu e depois voltou com nossa Ursula e meu *knan*, nossa criada estava doente e ficou caída no estábulo.

EREMITA

E quem incendiou a casa?

SIMPLICIUS

Ai, apareceram uns homens de ferro montados nuns animais grandes como bois, mas sem chifres. Esses homens mataram as ovelhas, as vacas e os porcos. Eu fugi dali e logo depois a casa foi incendiada.

EREMITA

E onde estava teu *knan*?

SIMPLICIUS

Ai, os homens de ferro o amarraram, a nossa cabra lambeu-lhe os pés e ele teve de rir muito e dar muitas moedas brancas, grandes e pequenas, aos homens de ferro, e também algumas amarelas, muito bonitas, além de outras coisas brilhantes e uns cordões cheios de bolinhas brancas, muito bonitos.

EREMITA

E quando aconteceu isso?

SIMPLICIUS

Bem na hora em que eu tinha de cuidar das cabras. Eles também queriam levar a minha gaita-de-foles.

EREMITA

E a que horas tinhas de cuidar das cabras?

SIMPLICIUS

Não ouviste? Quando os homens de ferro chegaram; depois a nossa Ana disse para eu correr, senão os soldados me levariam junto com eles. Os homens de ferro, ela quis dizer. Então eu fugi e vim parar aqui.

EREMITA

E para onde queres ir agora?

SIMPLICIUS

Eu não sei mesmo. Eu quero ficar aqui contigo.

EREMITA

Manter-te aqui de nada serve nem a mim nem a ti. Come, e então eu te levarei de novo onde possas encontrar gente.

SIMPLICIUS

Dize-me então o que é gente.

EREMITA

São pessoas como eu e tu; teu *knan*, tua *meüder* e tua Ana são pessoas; e quando muitas delas estão juntas elas são chamadas de gente.

SIMPLICIUS

Ah!

EREMITA

Agora, trata de comer.

Este foi o nosso diálogo; enquanto falávamos, o eremita me olhou muitas vezes, suspirando profundamente, não sei se por sentir uma grande compaixão pela minha simplicidade e ignorância, ou por uma razão que eu só descobriria muitos anos mais tarde.